



G. Inguot

Paz em Tempo de Guerra

Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento de George Smirnoff

ANTÓNIO CONCEIÇÃO JÚNIOR*

PRELÚDIO PARA AGUARELAS

Macau, na sua peculiar singularidade de entreposto, patenteou-se desde sempre, nas águas cálidas do delta do rio das pérolas, como insólita beldade pregada nas margens do Celeste Império.

Pelas suas características, a cidade não deixou de despertar em muitos a curiosidade transmitida por descrições escritas ou orais que foram trazendo até Macau – atraídos pela curiosidade ou pela busca de novos e exóticos lugares – muita gente, dos quais alguns artistas que, decididamente, se mostraram apaixonados pelo rosto da urbe.

Porém, se George Chinnery (1774-1852) e Thomas Watson (1815-1860) se deixaram prender pelos encantos de Macau e mantiveram fortes ligações à Companhia das Índias Orientais, Auguste Borget (1808-1877) fez de Macau parte do seu périplo pelo Império do Meio, em busca de concluir o seu álbum *La Chine et les Chinois*.

Porém, se estes residentes e viajantes escolheram Macau e George Chinnery deixava em Kuan Lou Yuan, aliás Lam Qua, a sua marca e o legado da sua técnica, a visita de artistas estrangeiros não terminou aí.

* Licenciado em Artes Plásticas e Design pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Presidente honorário da Associação de Designers de Macau, que ajudou a fundar, e membro da Academia de Belas-Artes de Lisboa. Foi Conservador do Museu Luís de Camões e Chefe dos Serviços Recreativos e Culturais do então Leal Senado. Foi consultor para Cultura da Fundação para a Cooperação e o Desenvolvimento de Macau, diretor da Galeria do World Trade Center, colaborou em diferentes jornais e revistas, exercendo actualmente funções de consultadoria no Museu de Arte de Macau.

Bachelor's degree in Art and Design from the Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. He is honorary president of the Macao Designers Association, which he helped found, and a member of the Academia de Belas-Artes de Lisboa. He was curator of the Luís de Camões Museum and head of the Recreational and Cultural Division of the Leal Senado. He was also cultural advisor to the Macao Foundation for Cooperation and Development, and director of the World Trade Center Gallery. He has contributed to various newspapers and magazines, and is currently a consultant at the Macao Museum of Art.

Largo do Senado visto da Travessa do Roquete.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 28,8x22,6 cm.



Ao celebrar, em 2003, o centenário do nascimento de George Vitalievitch Smirnoff, o Museu de Arte de Macau evoca também a condição de cidade generosa e acolhedora em tempo de guerra do Pacífico.

Yuri (George) Smirnoff nasceu a 27 de Outubro de 1903 na cidade portuária de Vladivostok.

Bem cedo, o alarme das convulsões que o czarismo passava e o levantar dos ventos da revolução bolchevique levaram a mãe, Antonina Alexandrovna, a cruzar avisadamente a fronteira e estabelecer-se em Harbin, em 1911.

George Smirnoff cresceu e tornou-se homem em Harbin, apenas deixando a cidade em 1930. Aí, manifestando desde cedo propensão para as artes, completou os estudos como arquitecto, com notas brilhantes, uma bolsa ganha para estudar nos Estados Unidos que nunca iria ser utilizada e o início de uma vida cujas dificuldades iriam avolumar-se.

Fachada principal da Igreja de Santo Agostinho.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 25,5x29,3 cm.





Contudo, desconhecedor do devir, George Smirnoff aventura-se até Tsingtao onde trabalha em equipa na concepção e construção de casas de verão para milionários e gente rica de Xangai. Três anos volvidos retorna a Harbin por dois anos e, em 1935, de novo se deixa tentar por Tsingtao, acabando por fugir com a família para Hong Kong em 1937 face à invasão das tropas japonesas.

Não reza a história as atrocidades que terá visto nem as dificuldades por que passou, mas, se não passou as piores, terá assistido a dramas maiores, que as guerras são isso mesmo, a desumanização do homem. Não será, pois, difícil imaginar pelo menos longas caminhadas, fome, privações de vária ordem, vigílias e o mais que não consta e que ficará para sempre encerrado no silêncio dos finais da década de trinta.

Página anterior: Nina e George Smirnoff

À esquerda: Igreja de N. S. da Penha vista dos aterros da Praia Grande. Lápis e aguarela sobre papel. 1944/1945, 24,2x17,6 cm.

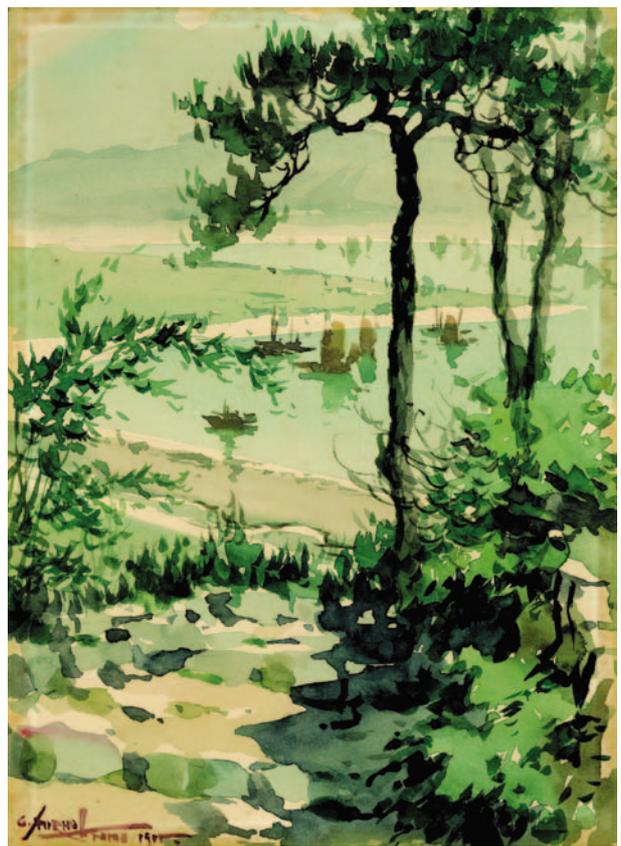
À direita: Rampa da chácara das Madres. 1945, 24,1x17,6 cm.



Nina e George Smirnoff e os seus filhos, Irina, Nina e Alexandre. Macau, 1945.

Em Hong Kong a família vai subsistindo, Smirnoff trabalhando para a Marsman's & Co. Em 1940 alista-se no Hong Kong Defense Volunteer Corps., que isto da ameaça de uma invasão leva a que a maior parte das vezes se dê o corpo à batalha, porque entre morrer e ser morto antes morrer lutando.

Quis, contudo, o destino que juntamente com muitos outros, solto da prisão nipónica, George Smirnoff optasse por rumar à neutralidade de uma pacata cidade vizinha: Macau, trazendo a família.





O MECENAS E O ARTISTA

Não se irá certamente dizer que a vida em Macau era um mar de rosas. A cidade regurgitava de estrangeiros fugidos à guerra, refugiados de muitas nacionalidades encurralados na armadilha do conflito.

Espiões de todas as facções circulavam pela cidade, a comida era racionada, os aventureiros abundavam, enquanto o mercado negro prosperava como sempre acontece, vivendo da circunstância e da miséria dos outros.

O Hotel Bela-Vista, dominado pela Penha, acolhia alguns dos muitos estrangeiros que buscavam refúgio em Macau. Smirnoff encontrou aí o seu primeiro abrigo e, aos poucos, enquanto se ia ambientando à cidade e lhe ia percebendo os hábitos, foi-se aproximando de locais como o Clube de Macau, onde se mantinha em quase permanência uma venda de tudo o que, em segunda-mão, passava a ser bem essencial, na ausência de coisa melhor, que as posses eram em geral poucas.

Página anterior: Igreja do Seminário de S. José e casario chinês.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 28,7x22,6 cm.

Vista da Praia Grande e Colina da Penha ao pôr-do-sol.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 22,5x28,5 cm.



ARTE

Dois homens contudo, em permanente diálogo, asseguravam a neutralidade de Macau. Ho Yin e Pedro José Lobo, cada um representando a sua quota de comunidade, os dois trabalhando em conjunto para a manutenção do *status quo* da neutralidade de Macau. Era obra o que faziam, e tal bastaria para que ficassem – como estão – na história da cidade.

Acontece que Pedro Lobo gostava de música e às filhas casadoiras as dotaria devidamente, não as separando dos filhos, reunindo-os todos ali para as bandas da Rua Pedro Coutinho e da Avenida Horta e Costa, num conjunto de casas arejadas e ajardinadas, rodeando a mansão do pai onde funcionava a Rádio Vila-Verde em chinês e, logo na rua acima, a emissora em português.

Como se tal não bastasse, Pedro Lobo gostava de compor música e, não sabendo ler pautas, trauteava algo que um músico filipino se encarregava de passar a escrito, possivelmente tocando no Steinway de meia cauda que tinha no vestíbulo que antecedia a imensa sala de jantar onde, passada a guerra, se alinhariam visitantes, filhos e netos que ao domingo iam saudar o avô.

Fachada das Ruínas de S. Paulo vista da Fortaleza de N. S. do Monte.
Lápis e aguarela sobre papel. 1944/1945, 25,2x29,1 cm.

Página seguinte: Igreja de S. Domingos.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 28,7x22,6 cm.





ARTE



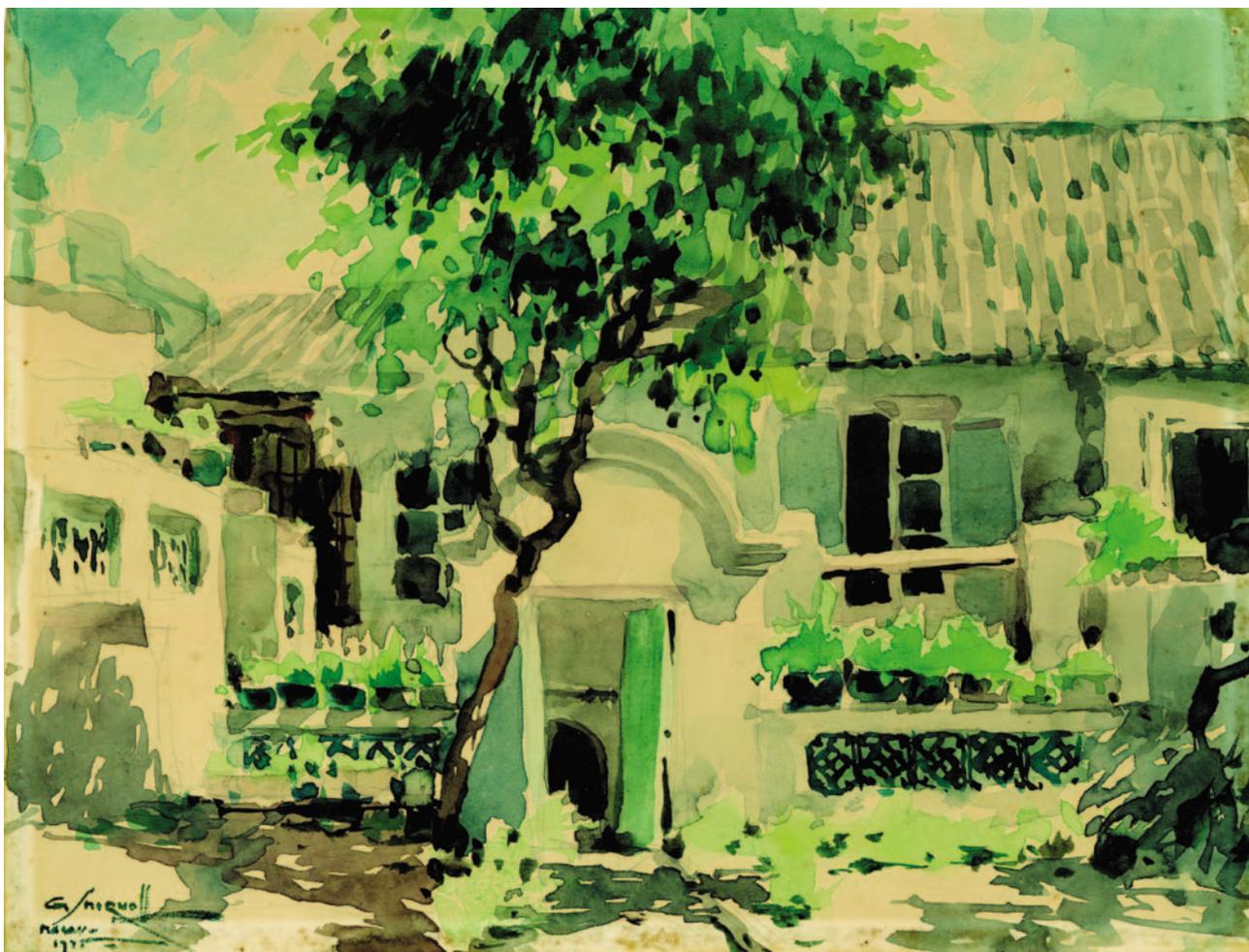
Não espanta, pois, que Pedro Lobo fosse o principal mentor das récitas e saraus do Teatro Dom Pedro V, onde a orquestra que ele própria mantinha se exibia sob a sua batuta, pequeno de estatura, vestido de fraque e sapatos de verniz.

Alguém pintaria os cenários e teria sido ao ver alguns da autoria de Smirnoff que o milionário e mecenas se interessaria pelo artista que estaria quase sempre presente nos ensaios, dividindo o tempo e o gosto entre os mesmos e as aulas de desenho e aguarela que entretanto ia dando a algumas senhoras de Macau e a jovens, dos quais um se destacaria, tão bom como o professor, chamado Luís Demée, cujos trabalhos pude ver nos anos sessenta.

Residência na Praça Lobo d'Ávila (actualmente Colégio Mateus Ricci).
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 30,1x39,3 cm.

Deste encontro, que por vezes o destino proporciona, receberia George Smirnoff a encomenda de pintar a cidade, forma elegante de Pedro José Lobo encorajar o artista a perseverar e a dar-lhe então mais risonho presente, que os filhos já eram três e toda a família habitava numa casa compartilhada com outras famílias, no número 2 da Rua da Prata.

Contudo George Smirnoff não se limitaria a calcorrear a cidade esboçando vistas, igrejas, detalhes, fortalezas, vistas gerais. O instinto de sobrevivência e o seu entusiasmo pelo teatro, pela música e pelas artes em geral levaram-no a ensinar teatro no Colégio Matteo Ricci, gosto que partilhava com o missionário jesuíta irlandês Albert Cooney. A sua inserção no meio ocidental de Macau fazia-se rapidamente, desenhando o logotipo para *O Clarim*, recebendo ajuda financeira do cônsul britânico John Reeves, a cuja filha teria também ensinado aguarela.



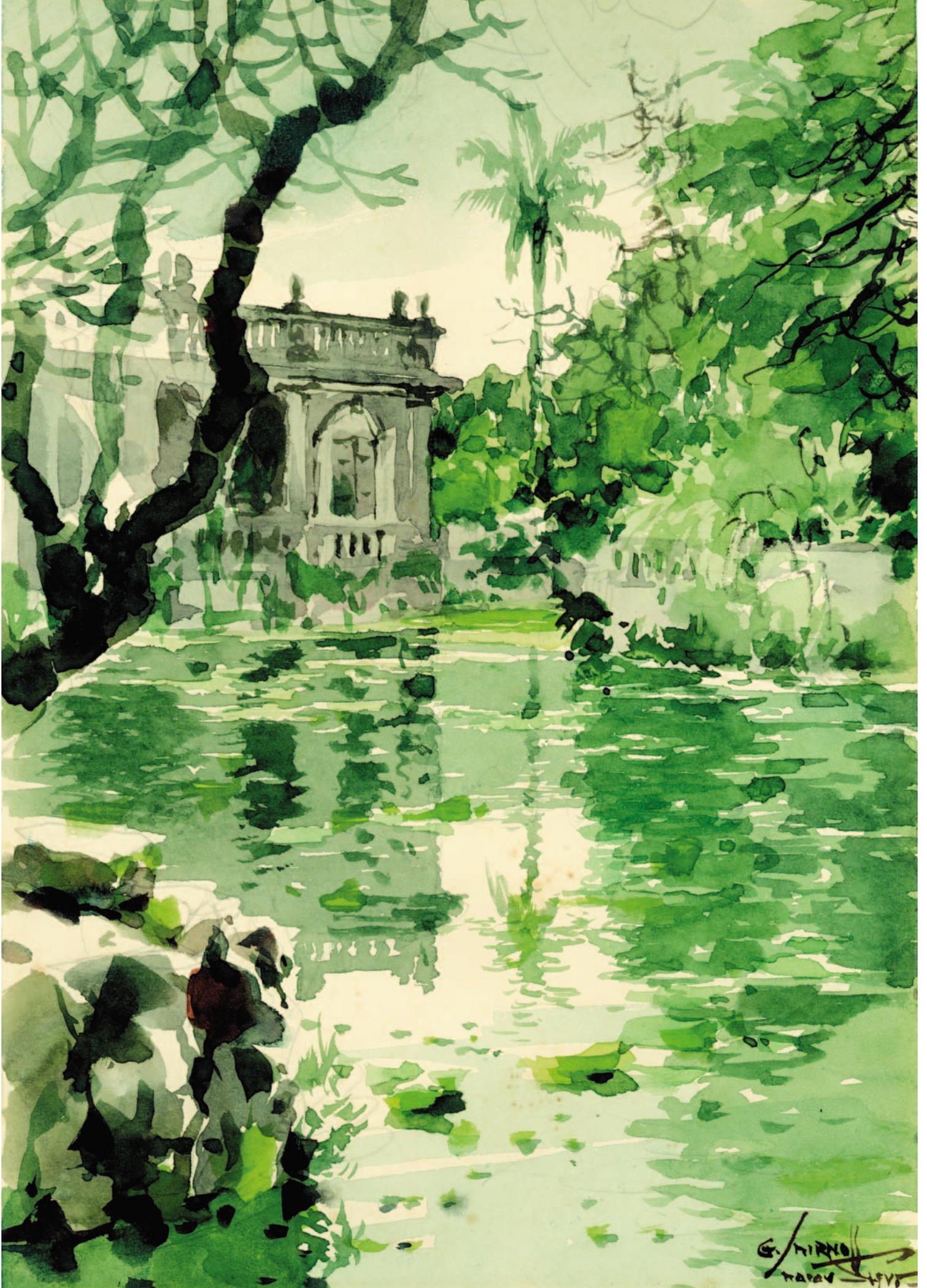
Ao anoitecer, já em casa, Smirnoff reconstruía de memória as cores e luminosidades de Macau, os ocres e os brancos, exaltando a arquitectura e envolvendo nela as figuras que anotara no papel, secundárias perante a perenidade da pedra.

Pouco mais de um ano após a sua chegada a Macau, em 1944, assinava-se o armistício e os dias prometiam uma normalidade próxima.

O retorno da família a Hong Kong far-se-ia em Novembro de 1945, mas o legado de cerca de 60 aguarelas encomendadas ao artista iriam transitar, por oferta de Pedro José Lobo, para o espólio do então Museu Comercial e Etnográfico de Macau.

Pátio da casa n.º 2 da Rua da Prata.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 22,45x28,8 cm.

Desenho de George Smirnoff para *O Clarim*, colaboração que o responsável pelo jornal, Armando Hagatong, agradece. Macau, 5 de Julho de 1945.



1920
J. H. H. H.

LEGADO E TESTEMUNHO

O primeiro contacto que tive com a obra de George Smirnoff deu-se em 1977, quando visitei o Museu Luís de Camões, antes de me tornar seu conservador, em Janeiro de 1978.

A visita soube a pouco, mas a inventariação do espólio a que procedi quando tomei posse permitiu-me ter uma visão mais completa, podendo analisar com mais cuidado as várias colecções e, de entre elas, mandar proceder à remoção das já antiquadas molduras e à velha fita-cola cuja acidez lançada pelo tempo dera às margens das aguarelas uma aura de antiguidade.

Por detrás do papel, raro e escasso no tempo em que fora usado, estavam os preços dos desenhos, discretamente escritos a lápis, testemunho da generosidade de Pedro Lobo e do empenho de George Smirnoff.

Resguardadas da luz, tinham mantido a sua frescura, atravessando incólumes as décadas, encer-

rando nelas o mistério dos momentos solitários que tinham presidido ao seu nascimento. A cor, pujante de subtilidades, desafia ainda hoje a luz provavelmente soturna, sob a qual tinham sido pintadas de memória. Os traços seguros do arquitecto definindo estruturas e a visão poética interpretando a alma da cidade, entre ocre, brancos, sol e sombras, acácias rubras e manchas do tempo sobre taipa, e os reflexos do rio percorrido por juncos de velas enfunadas, crónicas de paz num tempo de guerra.

Todo o espólio de George Smirnoff constitui o talvez o último testemunho antes que o rosto da cidade se transformasse para sempre.

Em 1985, por ocasião dos XXV Aniversário do Museu Luís de Camões, a obra de George Smirnoff era presente em pleno centro da urbe, na então recém-inaugurada Galeria do Leal Senado.

Página anterior: Pavilhão e lago do jardim Lou Lim Ieok.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 24,7x17,6 cm.

Igreja de Santa Clara e vista da Baía da Praia Grande.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 19x29,4 cm.



ARTE



Em 2003, 18 anos volvidos, o Museu de Arte de Macau, natural e legítimo sucedâneo do anterior Museu, revela de novo, em ambiente amplo e arejado, a obra de George Smirnoff. Esta patenteia-se como nova, povoada de memórias para aqueles que as têm, e de convites à descoberta de um canto da história de uma cidade singular, nas faldas do Império do Meio.

Cumpra-se assim dever e devoção de mostrar, em ano de centenário, a obra de um homem, mais um “estrangeiro” a quem Macau tocou profundamente e que tão bem soube retribuir a hospitalidade. **RC**

Parte superior da Calçada Central de S. Lázaro.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 25,5x25,6 cm.

Página seguinte: Macau visto da Fortaleza de N. S. do Monte.
Lápis e aguarela sobre papel. 1945, 24,6x17,6 cm.



G. TURNER 1948
HARROGATE